

Narrar à rua moderna: experiência que vem da Rússia czarista*

Marcos Antônio Menezes**

GÓGOL, Nikolai. *Avenida Niévski*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naify, 2013, v. I. 96 p.; v. II. 32 p., 30 ils.

Apesar das diferenças econômicas entre a Rússia czarista e os países da Europa ocidental, foi lá que nasceu, por meio de Nikolai Gógol, um dos contos mais fortes sobre a moderna cidade do século XIX. O conto “Nevski Prospec”¹ parece mostrar “paisagens urbanas cubo-futuristas, montagens dadaístas e surrealistas, o cinema expressionista alemão, [...] Gógol parece estar inventando o século XX” (BERMAN, 1986, p. 190).

Sua narrativa forte e intimista parece nos arrastar para o interior de sua história. Narizes e bigodes criam vida independente para colocar-nos em contato com o mistério de seus aturdidos personagens. O desprezo e horror que nutre pela cidade que roubou de Moscou o título de capital imperial são vistos nas páginas da obra de Gógol. A cidade é nebulosa, obscura, cinzenta.

A ficção de Gógol transforma São Petersburgo no lugar espectral onde florescem tipos especiais de anormalidades – onde o próprio demônio acende as lâmpadas da rua principal “apenas para mostrar tudo sob um aspecto falso” (2013, p. 134). A cidade parece reger a vida de suas vítimas, zombando de suas pretensões ao livre-arbítrio.

* Resenha recebida em 20/05/2014. Aprovada em 30/07/2014.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em História da UFG, Goiânia/GO, Brasil. E-mail: pitymenezes.ufg@gmail.com

¹ A edição da Cosac Naify traz dois volumes; o volume I apresenta o conto e suas páginas são divididas ao meio, o que faz as 67 páginas de textos virarem 134 e as 28 páginas e meia de ilustrações virarem 29. Desta forma o volume I passa a ter 192 páginas. Surreal como o conto de Gógol. O volume II “Notas de Petersburgo de 1836” com 32 páginas normais trazem notas sobre a obra que foram originalmente publicadas em 1837.

Gógol viveu no início de século XIX em um país ainda atrasado economicamente, apesar das pressões crescentes do mercado mundial em expansão e do desenvolvimento simultâneo de uma cultura mundial moderna. A modernização ocorreu na Rússia a passos de tartaruga. No momento em que toda a Europa era varrida pelos ventos do desenvolvimento, a Rússia regredia. Até o surto industrial da década de 1890, os russos do século XIX viam a modernização a distância. Nesses tempos, a capital imperial era a mais clara e sólida imagem da modernidade. Modernização draconiana concebida e imposta por Pedro a seus súditos. Ela representava a negação das tradições russas e o abraço de algo estranho, novo, estrangeiro.

Gógol, opondo-se a isto, revelou o que de fato ocorria. Mostrando o quanto tudo aquilo era “engano”, transformava a cidade em mistério e sedução. Quanto mais ele a negou, mais dela se aproximou, deixando ver suas partes e seu todo.

Conservador romântico, Gógol inovou para falar do que era novo. A ficção que produziu ensinou seus posteriores a lidar com este material irregular, pulsante, que são as cidades.

A capital do grande império da Rússia, São Petersburgo, fora construída por Pedro, o Grande, para ser a “janela” russa para a Europa. Erguida sobre um pântano no qual ossos de escravos apodrecem a cidade nega quase por completo o modelo urbano russo, voltado para o Oriente. Suas largas avenidas e belos palácios foram feitos para o deleite dos olhos e glória do czar.

Pedro tinha verdadeira aversão pela antiga capital do império, Moscou. Suas ruas sujas, estreitas e lamacentas provocavam asco ao czar. Depois de visitar Amsterdã, na Holanda, e ficar encantado com seu traçado retilíneo, Pedro quis uma cidade semelhante para si. Depois, o modelo passou a ser Paris. Em 1717, São Petersburgo, a nova cidade, era declarada capital de todas as Rússias.

Sua população era basicamente formada por funcionários do governo, ocupados na burocracia estatal. O regime autocrata transformou a bela cidade em um depósito de carimbadores de papéis e militares.

O espetáculo desta população que avançava sobre a cidade, como as águas lamacentas do rio Neva, fora acompanhado por um homenzinho de nariz recurvo, olhos de pássaro e sorriso sarcástico. Este homem pequeno, que soube arrebatá-lo com seu universo de pesadelo, em que humor e angústia se alteram, era Gógol (1808-1852).

No conto “Avenida Niévski”, Gógol nos mostra São Petersburgo a partir do passeio que faz por suas ruas. O conto descreve a aventura de dois jovens a perseguir duas belas e misteriosas damas que se esquivam em meio à multidão. O final é trágico e revelador. Mostra que em uma grande cidade nada resiste a um dia após o outro. Porém, mais incrível que qualquer outra coisa, são os eventos que têm lugar na avenida Niévski.

A narrativa tem início com a apresentação da avenida como o principal e mais importante lugar da cidade. Para ela dirigem-se todos os pés, com suas botas militares e elegantes sapatinhos. Com velocidade crescente, a história nos vai sendo apresentada como em cenas de filmes do cinema mudo.

Como são limpas e varridas suas calçadas e, meu Deus, quantos pés deixaram nela seus rastros! A bota suja e malfeita do soldado reformado, sob cujo peso até o granito parece rachar, e o sapatinho em miniatura, leve como fumaça, da jovem senhora que vira a cabecinha para as vitrines reluzentes das lojas assim como o girassol se vira para o sol, e o sabre tilintante do sargento-mor cheio de esperança, que arrasta raspando com força no chão – todos descarregam sobre ela o poder da força ou o poder da fraqueza (GÓGOL, 2013, p. 4).

Nesta rua, as pessoas se encontram e mostram-se umas às outras. Ela é a grande artéria que liga todos os habitantes ao coração da cidade. Realidade e fantasia interagem num espaço aberto a todos. Nela, os sonhos ganham o

colorido das vitrines das lojas e a realidade se torna mais clara para aqueles que querem observar os homens mais de perto. Na Niévski, tudo é festa, as pessoas parecem flutuar despreocupadas e até mesmo o egoísmo deixa de habitar os quentes corações da multidão.

A pessoa que se encontra na avenida Niévski parece menos egoísta do que nas ruas Moiskaia, Gorochovaia, Liteinaia, Meschanskaia e em outras ruas onde a ganância, a cobiça e a necessidade se manifestam nos pedestres e nas pessoas que passam em carruagens e caleches abertas (GÓGOL, 2013, p. 2-3).

Nesta rua, as pessoas estão face a face, podem olhar-se nos olhos e, ao mesmo tempo, a pressa as impele a se cruzarem rapidamente, escondendo os traços do rosto.

Com o passar das horas, a avenida vai recebendo sucessivas invasões de “bárbaros” de todas as categorias profissionais. Esta rua é tudo para a cidade. “Rumo à Estação Finlândia”, o viajante vai encontrar uma capital diferente das cidades ocidentais, as quais, no início do século XIX, começavam a se industrializar. Em 1835, quando Gógol escreveu o conto, Petersburgo tinha uma população de meio milhão de habitantes. Tanto Puchikin, quanto Dostoiévski e Gógol, consideravam-na fantasmagórica, simbolizando os conflitos um tanto apocalípticos da Rússia Imperial.

A literatura produzida na cidade e sobre ela é uma das grandes contribuições da vigorosa arte russa à cultura universal. Sankt-Peterburg

tornou-se famosa em todo o mundo como uma joia arquitetônica de palácios resplandcentes, orgulhosamente alinhados às margens do spectral Neva.

A beleza das construções históricas de Petersburgo é evidente. Erguidas com vastidão, luxo, senso artístico e refinamento sem paralelos, elas exalam um encantamento quase místico, especialmente nas noites brancas, no início do verão, que envolvem a arquitetura clássica numa atmosfera de fantasia (VOLKOV, 2007, p. 12).

Procurando imitar as capitais europeias, a cidade foi construída como um sistema de canais e ilhas, o centro administrativo à margem da água. Seu desenho, procurando seguir o modelo ocidental ditado pela renascença, era geométrico e retilíneo. Se Gógol não vê, pelas ruas, operários uniformizados com roupas cinza, vê funcionários públicos quase padronizados nas roupas e hábitos. Pela manhã, com suas botas sujas, o mujiqe russo que se apressa para o trabalho, arrasta-se pela Niévski, lembrando que na capital há mais que simples burocratas.

O espetáculo que está ante os olhos apertados deste russo *sui generis* é o de uma cidade que se quer moderna para glória e honra de seu imperador e o de uma capital que importou tudo para sua construção, até o fino vidro de centenas de vitrines translúcidas que são espelhos para damas e cavalheiros desocupados e sonhadores. “Trate de olhar menos para as vitrines das lojas: as quinquilharias expostas lindas, mas cheiram a uma terrível quantidade de papel-moeda. E que Deus nos proteja de olhar para as senhoras por baixo dos chapéus” (GÓGOL, 2013, p. 133).

Petersburgo, no início do século XIX, tinha o luxo de uma Paris e a arrogância de uma Londres. Seu porto era ancoradouro de grandes navios e de marinheiros sedentos. Suas belas “noites brancas” encobriam aquele misterioso período de tempo, quando as lâmpadas emprestam a tudo uma atraente e maravilhosa luz.

Segundo Marshall Berman, no conto *Avenida Niévski*, Gógol “inventa o romance da rua” (1986, p. 190). Para Vladimir Nabokov, a Petersburgo de Gógol converte-se no reflexo de um espelho embaçado, uma lúgubre mistura de situações e objetos trocados, recuando, quanto mais rápido move-se para diante, pálidas noites cinza, ao invés de negras, e dias negros, ao invés de claros. Sua narrativa surreal apresenta o ser humano perdido na multidão de pessoas, objetos e coisas. Sua rua é povoada por sensações estranhas e encantadoras, a multidão

nos é mostrada do ponto de vista de quem está em seu interior, de quem faz parte dela.

Gógol desceu passeando pela Niévski para revelar-nos todo seu genuíno mistério. Narrando na primeira pessoa, ele se movimenta pela avenida, anotando na memória a fisionomia das pessoas e da cidade. Durante o dia, Gógol caminhava horas pela Niévski, observando suas vitrines, alheio à vida apressada da capital. À noite, vestido como um janota, ia ao teatro. Luxuosas carruagens puxadas por até seis cavalos cortavam as ruas cobertas de névoa e escuridão.

Aqui, você encontrará bigodes prodigiosos que nenhuma pena, nenhum pincel conseguiu retratar; bigodes aos quais se consagra a melhor metade da vida – objeto de zelo demorados, durante o dia e durante a noite, bigodes em que se derramaram os aromas e os perfumes mais maravilhosos e que foram untados com toda sorte de cremes caríssimos e raríssimos, bigodes que à noite são enrolados num fino papel pergaminho, bigodes a que seus possuidores insuflaram a mais tocante afeição e que os transeuntes invejam (GÓGOL, 2013, p. 12-13).

Essa visão fragmentada, que desloca o foco narrativo do geral da rua para as pessoas, mostra que o ser humano é feito de partes constituintes e que cada aspecto forma o todo. O conto enfatiza o mistério de uma forma tão vívida e inesquecível que os mitológicos deuses (dos pântanos) parecem guiar a vida dos habitantes da cidade rumo a tragédias individuais e coletivas para recuperar o que lhes pertencia. É durante a noite que a tragédia vai, no conto, se abater sobre o frágil artista plástico Piscariov. A dama que ele saiu a perseguir pela Niévski arrasta-o para a loucura e a morte.

À noite, a rua mostra sua aura mágica e tudo se transforma. Há pessoas ainda vindo do trabalho, mas aqueles que saem à rua estão, quase todos, à procura de diversão. O ar parece carregado de intenções: sexo, dinheiro e amor são necessidades de pessoas reais que estão vagando pelo centro. A luz artificial joga uma claridade opaca sobre todos, deixando a visão turva. “No entanto, além do lampião, tudo o mais respira ilusão. Ela mente o tempo todo, essa avenida

Niévski, porém mente sobretudo quando a noite recai sobre ela como uma densa massa e realça as paredes brancas e cor-de-palha das casas” (GÓGOL, 2013, p. 134).

Uma bela desconhecida, como no conto, encontrada na Niévski, transforma-se em uma prostituta barata. Na obra do jovem sulista, amedrontado diante da vida, a cidade é ao mesmo tempo sedutora e aterrorizante. “Ah, não acredite nesta Avenida Niévski! Eu sempre me envolvo mais ainda em minha capa quando passo por ela e tento, de todo modo, não olhar para os objetos que encontro. Tudo é ilusão, tudo é sonho, nada é o que parece!” (GÓGOL, 2013, p. 131-132).

Nesta história, que gira em torno da tragédia romântica de um jovem artista, Piscariov, e a farsa de um jovem soldado, Pirogov, Gógol, de forma surreal, apresenta-nos a cosmopolita Petersburgo. Sua visão fragmentada coloca diante de nós *flashes* da cidade. Depois de várias imagens no decorrer de um dia na vida da Niévski, a narrativa salta para a descrição mais convencional, típica do realismo romântico do século XIX.

A cidade, que estava crescendo e abarcando coisas e homens, produziu, no interiorano Gógol, visões estranhas e sensações esquisitas, mas não era só ele que as tinha. O escritor foi capaz de ver isto e soube traduzir, no conto, o choque que sentiu o homem do século XIX ante o novo, o moderno. Essa experiência extraordinária, assustadora, parece produto de uma droga alucinógena.

Gógol eternizou o mito de Petersburgo. Mesmo depois de sua morte, em 1852, sua ideia mítica e sua opinião negativa sobre a cidade continuaram a dominar as mentes de seus contemporâneos. A obra de Dostoiévski é prova cabal disto. A Petersburgo criada pela imaginação de Gógol parece não ser uma cidade real, povoada por bigodes, chapeuzinhos, botas; mais parece uma terra de mortos vivos, onde pálidos funcionários públicos se debatem com o poder dos burocratas e do Estado autocrata.

Referências

BERMAN, Berman. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

GÓGOL, Nikolai. *Avenida Niévski*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

VOLKOV. *São Petersburgo: uma história cultural*. Rio de Janeiro: Record, 2007.